

NOSSA CAPA



AS RELAÇÕES ENTRE EUA E CHINA: Segunda Guerra Fria ou conflito inevitável

ARMANDO DA SILVA COSTA NETO*
Capitão de Fragata

SUMÁRIO

Introdução
Aspectos geográficos, históricos,
econômicos e geopolíticos
Segunda Guerra Fria ou conflito inevitável
Conclusão

INTRODUÇÃO

Terminava a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e iniciava-se um confronto bipolar de grandes tensões geopolíticas chamado Guerra Fria (1947-1989), no qual duelavam pela hegemonia

mundial os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Sendo esses países localizados em territórios distintos e sem o enfretamento militar direto, por conta de um impasse pela intimidação de armas nucleares, o confronto entre eles foi tam-

* Chefe do Departamento de Recrutamento e Reserva Naval do Comando do 1º Distrito Naval (Rio de Janeiro – RJ).

bém denominado “longa paz”¹ (MINGST, 2014). Com o fim da Guerra Fria, houve a substituição da estrutura bipolar pela unipolar, com predomínio da presença dos EUA no cenário mundial, surgindo no sistema internacional a definição de Nova Ordem Mundial – representada por uma nova era de múltiplas transformações políticas, econômicas e sociais.

É nessa nova era, três décadas após o fim da Guerra Fria, que há o surgimento de novas influências no sistema internacional – a norte-americana e a chinesa. Estas duas superpotências passaram a trocar ameaças, severas sanções, acusações, retaliações etc., protagonizando, assim, uma disputa pela hegemonia global no século XXI. O presente estudo tem o propósito de analisar as relações entre EUA e China no século XXI, à luz dos aspectos geográficos, históricos, econômicos e geopolíticos mais significativos nas Relações Internacionais, de forma que, após expor o contexto internacional das duas superpotências, mesmo esta exposição acontecendo de forma limitada, seja possível identificar se os EUA e a China vivenciam algo similar à Guerra Fria, que poderia ser chamado de “Segunda Guerra Fria”, ou se somente se enredarão em um conflito inevitável – e assim confirmar ou negar o argumento de que “em uma era de múltiplas transformações, os conflitos são inevitáveis”.

Para atingir o propósito mencionado, este trabalho encontra-se organizado em quatro partes. A presente Introdução apresenta o tema proposto e expõe de que forma a estrutura do texto está organizada; a segunda parte descreve os aspectos geográficos, históricos, econômicos e geopolíticos que balizarão o pensamento;

a terceira apresenta uma abordagem sobre o aumento das tensões entre os dois países para que um melhor entendimento quanto às relações políticas entre os países, especialmente nos últimos anos, ilumine a etapa final da argumentação feita neste trabalho. Por fim, na quarta parte, levando-se em conta os aspectos abordados, o artigo será concluído, afirmando ou negando o argumento proposto.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS, ECONÔMICOS E GEOPOLÍTICOS

Com uma área de 9,3 milhões de km², os EUA são o quarto maior país do mundo em extensão territorial, com uma população de cerca de 330 milhões de pessoas distribuídas em 50 estados. O país é banhado pelos oceanos Pacífico e Atlântico, possuindo posição estratégica para o transporte de recursos tanto para Europa quanto para Ásia e Oceania. Os EUA também fazem fronteira com o Canadá e o México, dois países pacíficos, sem influência na geopolítica mundial e incapazes de serem classificados como ameaças aos norte-americanos.

O atual cenário cultural dos EUA teve origem na colonização, tanto pelos ingleses quanto pelos outros povos que aos poucos foram povoando o território, como os italianos e os irlandeses. Os EUA se consolidaram e alcançaram sua independência em 4 de julho de 1776. Já estabelecido como potência mundial no século XX, o país participou de conflitos importantes, como a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na qual um exército americano, totalizado em 1,5 milhões

1 Segundo Mingst (2014), a “longa paz” da Guerra Fria é definida pelo historiador John Lewis Gaddis como uma expressão que faz referência à marcante e inesperada ausência de conflitos de maior porte entre grandes potências durante o período. Do mesmo modo que se evitou a guerra generalizada na Europa no século XIX, evitou-se a guerra generalizada a partir da Segunda Guerra Mundial.

de homens, desequilibrou a balança a favor da Tríplice Entente² (BLAINEY, 2010). Participou também da Segunda Guerra Mundial, ao devastar o Japão com duas bombas nucleares, demonstrando o novo poderio norte-americano, sendo a primeira vez na história que esse método foi utilizado durante um conflito internacional (MAGNOLI, 2006). Já na Guerra Fria, participou diretamente de conflitos importantes, como a Revolução Chinesa, em 1949, a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1960-1975) e a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962.

A economia dos EUA possui hoje o maior Produto Interno Bruto (PIB) do planeta e tem como característica um forte consumo interno, além de marcante

presença nas exportações e na participação em diversos tratados comerciais. O país é o maior produtor de armas do mundo, inclusive é detentor da segunda maior Marinha do planeta – apesar

de ter uma grande projeção de poder sobre terra quanto aos seus recursos navais, perde apenas para a Marinha chinesa.

Tendo exposto alguns dados-chave quanto a uma das potências, uma breve discussão sobre a China se faz necessária. Com uma área de 9,5 milhões de km², o país é o terceiro maior país do mundo em extensão territorial, possui uma população de cerca de 1,3 bilhão de pessoas e é banhada pelo Oceano Pacífico. No sul, está localizado o Mar da China Meridional, uma zona reivindicada por alguns países e por onde passa um terço de tudo que é transportado no mundo, além de ser uma

zona rica em recursos naturais e localizada ao leste, onde também está o Mar da China Oriental (KAPLAN, 2013). A China faz fronteira com diversos territórios, entre os quais destacam-se a potência da Índia, grande rival devido a diversas disputas territoriais passadas; a Mongólia; a Ásia Central e o extremo oriente russo. Estes três últimos territórios são zonas de influência e expansão chinesa, com ambições na Península Coreana, mas suas soberanias frustram qualquer plano da China. A Península, por sua vez, serve de estado-tampão para o expansionismo norte-americano na Coreia do Sul e no Vietnã, um rival histórico que possui várias bases navais e um vasto exército (KAPLAN, 2013).

A China é considerada uma das na-

ções mais antigas do mundo, mas somente em 1949, com a Revolução Chinesa, ela conseguiu ganhar identidade e se transformar em um país comunista, apesar de hoje sofrer forte influência

Os EUA são o maior produtor de armas do mundo e detentores da segunda maior Marinha do planeta

econômica capitalista. Assim como os EUA, o país asiático também participou de importantes conflitos, como a Revolução Chinesa, em 1949, a Guerra da Coreia (1950-1953) – sendo esta a última vez que EUA e China se enfrentaram – e as guerras sino-indianas (1962 e 1967), ademais um pequeno confronto em 1975.

A economia chinesa é a segunda maior do mundo, com rápido avanço se comparado aos avanços de outros países nos últimos anos, mas apresenta uma distribuição desigual de suas riquezas, o que impossibilita a melhoria das condições de vida de grande parte da população. A Chi-

2 Formada por Reino Unido, França e Rússia.

na possui inúmeras empresas instaladas e forte investimento em multinacionais no país, graças a mão de obra barata, baixos impostos, fácil acesso às matérias-primas, amplo mercado consumidor e facilidade no escoamento e na exportação de tudo que é produzido – todas essas variantes garantem e possibilitam o crescimento econômico acelerado do país. A China também passou a ser inserida no maior acordo comercial do mundo quando assinou, com países da Ásia e da Oceania, o Tratado de Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP), que corresponde a 30% do PIB da população mundial. Desta forma, em 2020, com os investimentos pesados feitos na indústria bélica, o país passou a ter a maior Marinha do mundo e assumiu o papel de maior ameaça bélica e econômica aos EUA.

Comparando mais especificamente a mentalidade geopolítica dos países em questão, os EUA são um Estado que, à medida que há um aumento de poder, torna-se mais influente no mundo, estreitando laços com diversos países e, assim, aumentando cada vez mais seus interesses econômicos. Após a consolidação desses laços, eles acabam enviando suas tropas para esses países e até mesmo construindo bases militares com o intuito de difundir seu governo e sua política e dominar o país receptor, evitando

ameaças destes e do entorno estratégico. Já na China, na proporção que seus estados crescem, são geradas ambições que fazem com que o país se lance ao exterior para supri-las. A China não busca construir um império ou difundir sua ideologia, e sim focar no desenvolvimento interno para seu crescimento, e, portanto, não é uma ameaça (KAPLAN, 2013).

SEGUNDA GUERRA FRIA OU CONFLITO INEVITÁVEL

Na Introdução já foi colocado o que compôs o período da Guerra Fria. Antes de abordar as relações entre os dois países, será definido a seguir o conceito de conflito.

Julien Freund (1921-1993) define conflito como:

Um enfrentamento, por choque intencional, entre dois seres ou grupos de mesma espécie que manifestam, uns sobre os outros, uma intenção hostil, em geral a propósito de um direito, e que, para mantê-lo, afirmá-lo ou restabelecê-lo, tratam de romper a resistência do outro, eventualmente pelo recurso da violência, o que pode chegar ao caso do aniquilamento físico do outro. (FREUND, 1995, p. 58, tradução nossa)³



³ Original em espanhol.

De acordo com as reflexões e abordagens feitas anteriormente, identificamos que os EUA e a China são as superpotências do século XXI e que, se essas superpotências tomarem um rumo de colisão, isso poderia se tornar a maior catástrofe política e bélica já vista, superando até mesmo as guerras mundiais. A seguir, será abordado o crescimento do clima hostil entre esses países para que possamos então chegar a uma conclusão.

A tensão iniciou-se em 2018, quando o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, com a intenção de frear o rápido crescimento da China, tarifou produtos chineses, estimulando a compra da produção nacional, aumentando empregos e reduzindo drasticamente as importações chinesas, que já superavam em mais de 400% as exportações dos EUA para a China. O governo chinês também sancionou os produtos norte-americanos, e essas atitudes impactaram a economia

mundial com a queda abrupta das bolsas de valores, visto que o aumento de taxas significou a queda na produção industrial. O impacto em escala global ocorreu porque a economia mundial gira em torno dessas duas maiores economias.

Após negociações frustradas, outro duro golpe aconteceu: o impedimento de que a gigante chinesa Huawei comprasse matéria-prima de fornecedores norte-americanos, o que atrasou o desenvolvimento da tecnologia 5G, considerando que já haviam sido investidos bilhões de dólares pelo mundo. Esse golpe afetou a China de forma significativa. Em agosto de 2019,

o governo chinês, para tornar os produtos mais atrativos perante a crise das tarifas americanas, desvalorizou sua moeda no intuito de aumentar suas exportações, e foi com essa manobra que a bolsa do mundo inteiro desabou novamente, passando os chineses a serem acusados pelos EUA de manipulação comercial.

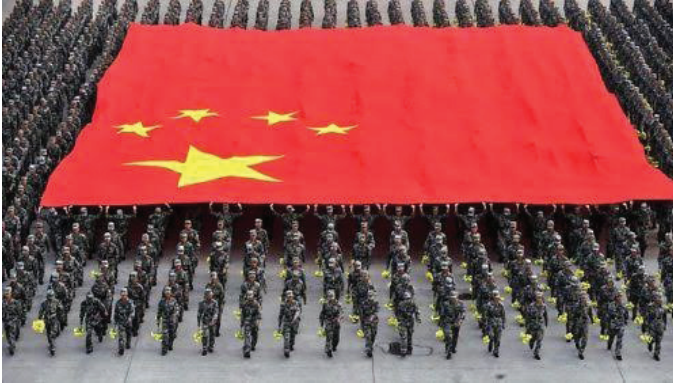
Na comemoração do 70º aniversário da instauração da República Popular no país, a China exibiu a sua mais alta tecnologia armamentista: armas com ogivas nucleares capazes de atingir qualquer parte do planeta, bombardeiros com alcance de mais de 5.000 km, drones militares e mísseis balísticos intercontinentais lançados de submarinos – armamentos verdadeiramente assustadores para os EUA.

No início do ano de 2020, houve um aumento da escalada das tensões com a pandemia do coronavírus e com as acusações do governo norte-americano de que a China teria criado o vírus, encoberto a gravidade do

**Em agosto de 2019,
o governo chinês
desvalorizou sua moeda
visando aumentar suas
exportações, sendo acusado
de manipulação comercial
pelos EUA**

mesmo e deixado que ele se espalhasse. Tal acusação também foi feita pelos chineses ao colocarem a culpa nos EUA, alegando que exércitos norte-americanos teriam levado o vírus para o país asiático. No meio das acusações sobre o coronavírus e após a espionagem chinesa para roubar dados da vacina americana, os EUA mandaram fechar o consulado chinês em Houston, atitude que a China considerou como grave atentado à diplomacia, prometendo retaliações aos consulados norte-americanos.

Entre acusações, ameaças e sanções e em meio a uma pandemia, a tensão se elevou ao mais alto nível quando dois escoltas



norte-americanos foram perseguidos por um caça chinês no Mar da China Meridional. Os EUA pensaram que aquilo seria o estopim para o início de uma guerra, mas nada aconteceu, e a China alegou que a perseguição foi devido aos escoltas terem entrado em águas territoriais chinesas. Logo após o ocorrido, os EUA enviaram três porta-aviões com vários aviões embarcados para realizar exercícios na região e demonstrar projeção de poder. Em resposta, a China informou que estaria pronta para qualquer ato hostil norte-americano.

Em hipótese de conflito armado na Ásia, os EUA têm o Exército mais pode-

roso do mundo e rapidamente inundariam o Mar da China de porta-aviões, tendo como aliados o Japão e a Coreia do Sul. Em contrapartida, a China, com a maior Marinha do mundo, teria grande número de países da Ásia ao seu lado e, principalmente, o apoio da Rússia, que possui armamento nuclear. Portanto, um conflito entre os dois países, como já mencionado, teria proporções inimagináveis e causaria grandes perdas econômicas e de vida, não só para as duas superpotências como também para todas as nações que inevitavelmente se envolvessem no conflito bélico direto.



CONCLUSÃO

Diante do conteúdo apresentado, podemos constatar que as relações entre EUA e China deterioraram com as ações do ex-presidente norte-americano e que decisões de ambas as partes aumentaram as tensões. As análises feitas permitem concluir que, diante de duas superpotências com as maiores economias do mundo e todo seu material bélico de alta tecnologia, em quantidades e com grandes potências como aliados, um conflito é impossível de acontecer, pois nem EUA nem China querem uma Terceira Guerra Mundial de grandes proporções, o que faria o mundo

retroceder de forma crucial. Assim sendo, podemos afirmar que, por conta da falta de conflito direto, mas com a presença de hostilidade política entre esses dois países, estaríamos vivendo uma “Segunda Guerra Fria” no sistema internacional.

Desta forma, o propósito deste trabalho foi atingido ao negar o argumento de que “em uma era de múltiplas transformações, conflitos são inevitáveis”, utilizando como estudo o confronto entre duas das maiores potências do mundo que evitam o conflito direto, optando pelo confronto subjetivo feito com ameaças, sanções, acusações e retaliações nesse ambiente de uma nova Guerra Fria.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Guerra Fria; Relações Internacionais;
<POLÍTICA>; China; Comércio Exterior; Estados Unidos; Nova Ordem Mundial; Relações Internacionais;
<RELAÇÕES INTERNACIONAIS>; Nova Ordem Política;

REFERÊNCIAS

- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.
- EL PAÍS Brasil. “EUA x CHINA: Cenários da nova Guerra Fria”. 26 de jul. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-27/eua-x-china-cenarios-da-nova-guerra-fria.html>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- ESPERANDIO, Cesar. “O que é a Guerra Fria 2.0 entre China e Estados Unidos?” 23 de jul. de 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/econoweb/2020/07/23/o-que-e-a-guerra-fria-20-entre-china-e-estados-unidos.amp.htm>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- FREUND, Julien. *Sociología del Conflicto*. Madrid: Ediciones Ejército, 1995.
- KAPLAN, Robert. *A vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MINGST, Karen A.; ARREGUÍN-TOFT, Ivan M. *Princípios de Relações Internacionais*. Tradução de Cristiana de Assis Serra. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 353p. Título original: *Essentials of International Relations*.
- REVISTA EXAME. “Conflito entre EUA e China sinalizam uma guerra comercial?” 22 de fev. de 2018. Disponível em: <https://exame.com/economia/conflito-entre-eua-e-china-pode-sinalizar-guerra-comercial/>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- REVISTA FORBES. “EUA são o maior produtor de armas do mundo”. 18 dez. 2018. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/12/estados-unidos-e-o-maior-produtor-de-armas-do-mundo/?amp>. Acesso em: 28 ago. 2023.